

INFORMAÇÃO PARA O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Data: 30 de setembro de 1981.

Índice: Brasil-EUA. Entrevista com o Secretário de Estado norte-americano Alexander Haig.

319

No domingo passado, 27 do corrente, pouco antes de retornar ao Brasil, fui recebido pelo Secretário de Estado Alexander Haig. Nossa entrevista, que durou três quartos de hora, foi cordial, substantiva e variada.

2. O Secretário de Estado que, segundo me disse, havia passado o fim-de-semana em conversações sobre a questão do Oriente Médio, estava em excelente estado de espírito e revelou boa disposição para o diálogo.

3. Haig iniciou a conversa com uma menção à próxima visita ao Brasil do Vice-Presidente George Bush, de quem disse ser amigo há anos.

4. Referiu-se, a seguir, à questão do aproveitamento pacífico da energia nuclear e ao tema correlato de cooperação internacional nesse campo. Disse Haig que considerava a multiplicidade de normas existentes nos EUA sobre a energia nuclear uma "aberração", uma "fixação" que não corresponderia ao pensamento nem do Presidente Reagan nem do próprio povo norte-americano. Essas "insanidades", que seriam produto da política do anterior Governo norte-americano, estariam prejudicando, segundo Haig, o próprio desempenho econômico do país, pois, dado o número de instâncias que se ocupam dos variados aspectos das questões nucleares, são hoje necessários onze anos entre a concepção e a efetiva entrada em funcionamento de uma usina nuclear, nos EUA. Essas normas, portanto, devem, ainda segundo Haig, ser mudadas. Nesse quadro, notou o meu interlocutor, deve colocar-se o exame da questão da recarga de Angra-I. De minha parte, disse-lhe que é posição do Governo brasileiro procurar evitar, dentro do possível, que essa questão assumia proporções dramáticas, o

Secreto-Exclusivo

PSH

# Secreto-Exclusivo

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

— 02 —

que fatalmente afetaria de forma negativa o nosso relacionamento bilateral, e que permanecemos na disposição de negociá-la, como havíamos anunciado ao Secretário de Estado Assistente Thomas Enders, por ocasião de sua recente visita ao Brasil. (Pelo que posso depreender das palavras de Haig, há sinais de que a posição norte-americana nesta questão está evoluindo: primeiramente e até a visita de Enders, Washington exigia novos compromissos no campo das salvaguardas por parte do Brasil; diante da recusa do Governo brasileiro em atender essas reivindicações, Enders, durante a sua visita, procurou caracterizar um impasse em que a "culpa" seria brasileira, o que evitei, e, agora, o Secretário de Estado parece haver reconhecido que o problema reside mais propriamente no regime que as leis norte-americanas buscam impor, do que na atitude do Brasil. É muito provável que Haig tenha dado esta indicação otimista por não ter muito presente em seu espírito o ponto específico das dificuldades atuais no plano bilateral).

5. A seguir, manifestei a Haig a confiança de que os dois Governos serão capazes de resolver quaisquer problemas bilaterais, políticos ou econômicos, que possam surgir. Observei, porém, que, por outro lado, estávamos preocupados no Brasil com certas posições que o Governo norte-americano vem adotando no plano multilateral, especialmente no que diz respeito ao Direito do Mar, Diálogo Norte-Sul, e à tentativa de subdividir os países em desenvolvimento em diversas categorias que, quando aplicadas, nos criam problemas comerciais e financeiros. A propósito, referi-me às dificuldades que ameaçam surgir para o Brasil com a posição dos EUA de estender ao FMI e ao Banco Mundial o conceito de "graduation", o que, uma vez concretizado, prejudicaria seriamente a nossa elegibilidade como tomadores de empréstimos naquelas instituições financeiras. (Ficou-me a nítida impressão de que Haig ignorava as implicações para o Brasil dessa tomada de atitude por parte de seu Governo, o que parece indicar que a aplicação crescente da tese da "graduation" pelo Governo norte-americano em relação a países como Brasil, México, Argentina e outros se faz por força sobretudo de um certo pensamento geral sobre os problemas do relacionamento Norte-Sul, e não por motivações de sentido político específico, e até mesmo sem levar em conta as repercussões nas suas relações bilaterais com esses países).

Secreto-Exclusivo

# Secreto-Exclusivo

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

— 03 —

6. Expliquei a Haig a posição de nosso Governo com relação à participação brasileira em Cancún, havendo ele reagido de forma positiva, tendo em vista o estado de saúde do Presidente Figueiredo. Haig formulou os melhores votos pelo bem-estar do Presidente brasileiro e transmitiu-me a expressão do interesse do Presidente Reagan, com quem conversara na manhã de domingo.

7. O Secretário de Estado fez questão de relatar-me os últimos desenvolvimentos das negociações relativas à independência da Namíbia. Afirmando que podia ser franco comigo, disse Haig que, em razão dos contatos havidos com a África do Sul e no seio do grupo de contato ocidental, passara a crer na possibilidade de serem alcançados resultados positivos, se algumas pequenas alterações puderem ser introduzidas no plano das Nações Unidas para a independência da Namíbia. Esclareceu Haig que as conversações bilaterais EUA-África do Sul não têm sido uma "festa de amor" ("love feast"), chegando algumas vezes a serem desagradáveis, além de difíceis. Haig disse estar convencido de que não seria útil um clima de polêmica ou de ataques e condenações públicas à África do Sul (essa posição, de resto, é tradicional, por parte dos EUA, em todo o processo de descolonização). Haig acrescentou que as recriminações contra a África do Sul, no correr do presente ano, levaram Pretória a tornar mais rígida a sua posição, rejeitando uma presença significativa da ONU na Namíbia e, também, a própria Resolução 435. Disse que considerar a SWAPO como único representante do povo da Namíbia teria sido um erro por parte da ONU. (Lembrei, a propósito, que, no contexto da negociação, a própria SWAPO e os países africanos da Linha de Frente haviam, em janeiro, na Conferência de Genebra, até aceito que outras forças participassem normalmente do processo político da Namíbia, e que isto havia sido uma importante concessão, mantendo-se a África do Sul inflexível. Adicionou Haig que os sul-africanos estavam convencidos, dada a documentação que apreenderam no sul de Angola, que os soviéticos, há pelo menos dois anos assistem e "dirigem" a SWAPO (o que, também, não é uma acusação nova por parte da África do Sul).

8. Prosseguindo, Haig informou-me de que o Sub-Secretário Clark e o Secretário de Estado Assistente Crocker haviam obtido em suas longas conversações que a África do Sul aceite: a) a Resolução 435; b)

Secreto-Exclusivo

# Secreto-Exclusivo

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

— 04 —

b) uma presença importante da ONU na transição da Namíbia para a independência; c) medidas de criação de confiança; d) que as minorias brancas, embora recebam garantias, não terão direito de veto que lhes permita paralisar o processo político na Namíbia; e) posição não-alinhada da Namíbia no plano internacional.

9. Indicou Haig que a reunião do Grupo de Contato, no curso da semana passada, teve como objetivo refinar essas posições, que agora deverão ser negociadas com os demais atores do processo, inclusive os países da Linha de Frente e a SWAPO.

10. Haig deu ênfase, em suas palavras, à questão correlata da presença de tropas cubanas em Angola e da conveniência de criar condições internacionais que facilitem sua retirada. Dei-lhe conta, de forma sumária, dos contatos que temos tido com o Governo angolano e de nossa avaliação de seu interesse numa solução negociada para a questão e que permita concretizar essa retirada. Haig, depois de voltar ao tema da convicção sul-africana de que a URSS está por trás da SWAPO, observou que "ele e eu" sabíamos que os nacionalistas africanos, em sua luta, estarão sempre dispostos a se utilizarem de qualquer ideologia para chegar ao poder. Reafirmou que o seu Governo não tem interesse em que a Namíbia se transforme em um instrumento da URSS (essa posição tem um grau de convergência com a nossa, de vez que nos interessa que os países africanos possam afirmar, independentemente de pressões, a sua própria personalidade nacional).

11. Relatou-me Haig que, quando visitou a Iugoslávia, recebeu um recado do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, Senhor Paulo Jorge, de que o Governo angolano favoreceria a criação de condições internacionais que levassem à retirada cubana e que estaria profundamente interessado no comércio e na tecnologia ocidentais. Na quinta-feira passada, disse-me, teve um encontro reservado com Paulo Jorge, no qual ficou confirmada a mensagem recebida em Belgrado.

12. Haig confidenciou-me que pediria a Gromyko, na segunda-feira, que os EUA estão dispostos a resolver as questões da África meridional com a participação da União Soviética ou sem ela. Gromyko, em ocasião anterior, já teria manifestado que a URSS não tem um "interesse" na região e Haig o exortou a agir em consequência ("put your money where

Secreto-Exclusivo

PS

# Secreto-Exclusivo

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

— 05 —

your mouth is").

13.

Disse Haig que a independência da Namíbia e a retirada cubana não é mais uma questão do ovo-e-da-galinha ("chicken-and-egg-question"), mas sim do "omelete de galinha". Afirmou que tem recebido sinais positivos por parte da OUA e, até mesmo, de Cuba.

14.

Repeti a Haig o que já havia expressado a Enders, em Brasília: não falamos por Angola, mas nos parece que a solução para a questão estará na negociação de garantias recíprocas e por etapas, combinada com uma gradual retirada ("phasing-out") das tropas cubanas. Não via, acrescentei, razão que impedisse o Governo angolano de chegar a um compromisso nesse sentido, embora é claro, Angola fosse continuar com uma organização interna sócio-econômica de tipo marxista. Haig fez dois comentários a respeito: disse que era necessário "preservar" os seus interlocutores angolanos para evitar que lhes ocorra "o mesmo que aconteceu com Agostinho Netto" e que os EUA desejavam afastar as super-potências da África meridional. Voltei a falar-lhe da possibilidade da negociação de garantias mútuas e do interesse brasileiro numa Angola verdadeiramente independente e não-alinhada, em resposta a uma observação dele de que não deveríamos "repetir" a idéia de que as tropas cubanas só devem sair da Angola depois de que a Namíbia for independente. (Na verdade, o Governo brasileiro nunca colocou o problema dessa forma. Provavelmente, Haig recebeu de Enders um relato impreciso da conversa que tive com ele em Brasília. Naquela ocasião, observei a Enders não ser provável que as forças cubanas saíssem de Angola antes da independência da Namíbia, dada a própria gênese e motivação da presença cubana: proteger Angola das incursões sul-africanas, o que só se tornaria desnecessário com a Namíbia independente. Esse foi o "background" de minha sugestão a Enders quanto a negociação de garantias recíprocas e distribuídas em etapas, como uma forma de romper o impasse).

15.

Com relação ao Direito do Mar, manifestei preocupação com que os EUA venham a ficar em posição de total isolamento e mencionei que os próprios EUA deveriam fazer um esforço especial para contornar essa eventualidade. Haig respondeu-me que era seu objetivo evitar a repetição do episódio do SALT-II, isto é, que o Executivo assinasse um Tratado

Secreto-Exclusivo

# Secreto-Exclusivo

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

— 06 —

e, depois, se visse sem condições de obter a ratificação do Senado. Afirmou que com a reavaliação de posições ora em curso nos EUA, os interesses privados já começam a perceber que, para explorar, sem tropeços, os fundos do mar, necessitarão de um tratado multilateral e que o Governo norte-americano acredita poder voltar a negociar preservando o consenso anteriormente alcançado.

16. Com relação à substância da reunião de Cancún, esclarci que o Governo brasileiro não está interessado na criação de um mecanismo para atuar após a Conferência, mas deseja que a mesma seja conclusiva e que dela resulte um espírito de conciliação de interesses que possa ser utilizado sempre que as circunstâncias do Diálogo Norte-Sul o justifiquem. Acrescentei que em Cancún a ênfase brasileira será posta nos aspectos estruturais, globais, e de longa duração e que resistiremos à divisão dos países em desenvolvimento em diferentes categorias, uma vez que esses países partilham problemas fundamentais como, por exemplo, o de serem importadores líquidos de capital e tecnologia, sofrerem graves desequilíbrios setoriais e regionais e lutarem com sérios problemas sociais. Haig revelou alguma compreensão quanto a este último ponto e respondeu ter presente que o Brasil é um país grande, complexo e diversificado. Falou de futura "super-potência" e eu comentei que não havíamos sequer "graduado".

17. O Secretário de Estado disse-me que em Grand Rapids os Presidentes Reagan e López Portillo e o Primeiro-Ministro Trudeau, além de trocarem impressões sobre Cancún, examinaram a presente situação na América Central e Caribe. Relatou que o Presidente mexicano agora apoia com vigor o plano de assistência à "bacia do Caribe", uma vez que os EUA deixaram claro que esse plano nem se coloca no âmbito da compatição Leste-Oeste, nem se dirige especificamente contra Cuba.

18. De minha parte, dei-lhe ciência, em linhas gerais, das conversações que mantive com o Presidente López Portillo na oportunidade de minha visita ao México. Expliquei que nos havíamos dissociado da declaração franco-mexicana sobre El Salvador, sem sermos agressivos com nossos anfitriões. Observei que não tínhamos encontrado justificativa política para a ação pública empreendida pelo México e pela França. Expli-

Secreto-Exclusivo

# Secreto-Exclusivo

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

— 07 —

explicitarei a diferenciação que fazemos entre determinadas situações coloniais, as quais têm acentuado componente internacional, e outras situações como a de El Salvador em que o princípio da não-intervenção deve ser plenamente respeitado. Acrescentei que havíamos concitado a Venezuela e o México a que procurassem, em privado, motivar seus respectivos amigos ou correligionários salvadorenhos a que, apesar de todas as dificuldades, buscassem uma solução política e negociada para a crise.

19. Relatou-me o Secretário de Estado que López Portillo, em Grand Rapids, havia praticamente se desculpado quanto ao comunicação franco-mexicano ("não fizemos as coisas corretamente", teria dito o mandatário mexicano). Acrescentou Haig que o líder social-democrata Guillermo Ungo tem mantido algum contato com o Presidente Duarte, que é democrata-cristão. Haig demonstrou interesse em que os sociais-democratas se unissem, como tal, ao processo eleitoral, mas não que os guerrilheiros o fizessem, pois estes contariam com o apoio do "braço de Moscou".

20. Reconhecendo as dificuldades do problema salvadorenho, transmiti a impressão de que seria conveniente que as eleições não servissem apenas a uma tentativa de obter uma legitimação externa para o atual Governo salvadoreno, sem que se encaminhe paralelamente o problema interno.

21. Respondeu o meu interlocutor que os EUA querem ir à fonte dos problemas e isso significa tratar com Cuba, de forma construtiva, se os cubanos cooperarem, ou não. Asseverou que os EUA estão preparados a trabalhar com os cubanos e não estão procurando criar casos ("We are not looking for trouble"), apesar dos 40.000 soldados cubanos na África e dos 10 milhões de dólares diários que Cuba recebe da URSS. (Nesse ponto, Haig está certamente recolhendo idéias de López Portillo, que se propõe a intermediar uma eventual aproximação cubano-norte-americana).

22. De minha parte dei-lhe conta do estado de nossas "não-relações" com Cuba, nas quais ambos os países evitam atitudes hostis. Explicitarei as diferenças que nos separam de Cuba com relação ao enten

Secreto-Exclusivo

# Secreto-Exclusivo

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

— 08 —

entendimento do princípio da não-intervenção. Notei que, frequentemente, Cuba em desrespeito a esse princípio e em decorrência do que considera ser um dever de solidariedade internacional, julga-se no direito de prestar apoio político-militar a movimentos rebeldes em terceiros países, posição da qual discordamos.

23. Finalmente, antes de minha despedida, Haig fez breve mas significativo relato sobre a questão do Oriente Médio. Afirmou identificar uma nova disposição ("new mood") em Israel a respeito da autonomia palestina e, quando notei que, de qualquer forma, a autonomia municipal seria insuficiente, redarguiu que no momento o importante é manter as conversações em andamento e sobretudo preservar o Presidente Sadat.

24. Acrescentou Haig que solicitara paciência aos europeus ocidentais, sob o argumento de que uma nova "iniciativa" forneceria a Israel pretextos para o endurecimento, a uma observação minha a propósito da moderação do programa de oito pontos apresentado pela Arábia Saudita, Haig reconheceu que o mesmo continha partes "proveitáveis", como a que reconhece implicitamente a Israel o direito de existir em paz dentro de fronteiras reconhecidas, ao mencionar a Resolução 242 como uma das bases de solução do conflito. Haig concluiu com a afirmação de que prosseguirá no esforço de Camp David e que, para tanto, contava, inclusive, com a benção discreta da Arábia Saudita.

25. Acredito que a conversa com o Secretário de Estado foi útil, sobretudo, por confirmar que a posição norte-americana quanto a diversas questões (África Meridional, América Central, Cuba, Direito do Mar, energia nuclear, etc...) está sofrendo ou pode sofrer uma evolução favorável. Haig parece em condições de matizar as colocações iniciais de natureza principista e desejoso de buscar resultados diplomáticos concretos. Essa tendência é saudável e abre espaço para que mantenhamos, com os EUA, um diálogo com base na confiança, embora, naturalmente, não isento de divergências. Creio, assim, estar confirmado o acerto da estratégia seguida pelo Brasil em suas relações bilaterais com os EUA no sentido de retardar, tanto quanto possível, a eclosão, ou o desenvolvimento de controvérsias, na expectativa, justamente, de que as diferentes posições norte-americanas aos poucos pudessem

Secreto-Exclusivo

RSJ



# Secreto-Exclusivo

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

— 09 —

ser retiradas do campo da retórica e ajustadas às necessidades práticas da negociação. Começam, assim, a ser criadas condições para que possamos imprimir novo impulso às nossas relações com os EUA.



Ramiro Saraiva Guerreiro  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

Secreto-Exclusivo